



Os Saberes Ancestrais Quilombolas a partir da perspectiva agrícola

Palavras-Chave: Quilombo, Ancestralidade, Saber tradicional

Autores/as:

Pedro Guilherme Simões Costa - Unicamp

Profa./^a Dra./^a Joana Cabral de Oliveira (orientadora) - Unicamp

INTRODUÇÃO:

A pesquisa intitulada “Os saberes ancestrais quilombolas analisados pela perspectiva agrícola” é um trabalho que inicialmente se propunha a realizar um levantamento bibliográfico acerca de pesquisas, dissertações, trabalhos, dossiês e artigos que dialoguem sobre a construção e a transmissão desse saber oral africano, que chega ao Brasil juntamente com os navios negreiros através do tráfico humanitário comandado por Portugal (GILROY, 2012). Diversos contextos de opressão e de desprezo confluíram para a fundação e consolidação de diversos quilombos ao redor do Brasil colonial; os quilombos precisam ser compreendidos enquanto locais de abrigo para populações oprimidas, porém, não é verdadeiro afirmar e generalizar que todos os quilombos se constituíram pela luta e que todos são isolados, há relatos de quilombos que são formados em contextos aleatórios e que comercializam e dialogam com comunidades e cidades próximas (GOMES, 2017)

Sendo assim, a pesquisa se voltará para a compreensão de como os quilombolas assentados no Brasil desenvolveram saberes próprios a partir de perspectivas africanas, de que forma ocorre a transmissão desse saber e como o pragmatismo cotidiano afeta a construção e a constante atualização desses modos de conhecimento. Além disso, é necessário frisar que a pesquisa caminha para o aprofundamento acerca dos saberes etnobotânicos, ou seja, interessa à pesquisa compreender como tais práticas de saber tradicional afro-diaspórico influenciam na dinâmica agrícola da comunidade, como ocorre a relação multiespécie (TSING, 2017) entre os entes humanos da comunidade e os entes botânicos.

Metodologia:

O processo metodológico adotado na pesquisa consiste primeiramente no levantamento bibliográfico de materiais que se aproximem do objeto especificado. Realizei buscas esquemáticas em bibliotecas digitais de universidades, assim como busquei artigos, dossiês e demais publicações em sites de compartilhamento de materiais acadêmicos. A busca por materiais é uma parte crucial da pesquisa, portanto, não poderia deixar de citá-la. Além desse levantamento, no projeto da minha pesquisa havia especificações acerca de um trabalho de campo que eu pretendia realizar no “Buraco”, Comunidade quilombola localizada no município de Conceição do Mato Dentro, em Minas Gerais, a escolha do local se deve à minha proximidade geográfica e carnal com o lugar, visto que possuo raízes familiares e históricas assentadas neste território.

Porém, com o advento da pandemia do Covid-19, optei por não realizar tal ida à comunidade, com o objetivo de preservar a integridade da comunidade e evitar possíveis contaminações, visto que muitos moradores da comunidade já possuem uma idade avançada e sofreriam muito com uma possível contaminação. Sendo assim, cancelei minha ida a campo por motivos sanitários. Logo, minha metodologia se volta para análise e coleta de dados etnográficos para observação analítica na pesquisa.

Resultados e Discussões

Ao decorrer da pesquisa, muitas foram as reflexões e os questionamentos que me foram suscitados, um tema tão específico quanto o saber ancestral quilombola permeado pela perspectiva agrícola é capaz de render discussões imensas com materiais extremamente completos e complexos. Muitos foram os autores que fundamentaram as minhas discussões, porém, eu optei por priorizar “autores nativos”, ou seja, dei ouvidos àqueles que falam de dentro para fora, tal como Ailton Krenak e Antônio Bispo dos Santos, que dialogam com os acadêmicos a partir de uma perspectiva científica pautada nos conhecimentos nativos e afro-diaspóricos.

A minha pesquisa não tinha como objetivo chegar a um resultado concreto e lógico tal como uma operação matemática, mas me dediquei e me esforcei para esclarecer aproximações e afirmações acerca de como os africanos trazidos forçosamente para terras brasileiras carregavam consigo conhecimentos tradicionais que, perpassados oralmente dentro de comunidades quilombolas, terreiros e outras formas de transmissão da “ciência negra”, contribuíram para a sobrevivência e para a conservação da vida e de modos alternativos de saber.

Antônio Bispo (2015) esclarece que os povos afropindorâmicos estabeleceram conexões e raízes profundas com os entes naturais desse país chamado Brasil. O jeito específico de manusear uma mandioca, a forma como se planta, se trata e se colhe um milho, a forma como se produz uma farinha, as técnicas ancestrais de corte e queima utilizadas para potencializar a fertilização do solo, essas e outras são técnicas próprias desenvolvidas pelos povos negro e indígena dentro de território brasileiro. A emergência de produção desses saberes diz muito sobre a opressão e a necessidade de se erguer sozinho perante a sociedade, visto que, o Estado os invisibilizava enquanto cidadãos dotados de direitos e deveres, logo, formaram-se as comunidades negras rurais aptas a construir uma sociedade pautada na consciência coletiva de sobrevivência, beirando a margem do capitalismo.

Referências Bibliográficas

GILROY, Paul. O Atlântico Negro. Editora 34. 2012. 2º edição.

GOMES, Flávio dos Santos. Mocambos e Quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil. Editora claroenigma. 2017. São Paulo.

SANTOS, Antônio Bispo dos. Colonização quilombos: modos e significados. Brasília. Junho de 2015.

TSING, Anna. Margens indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. V.17. n.1. 2015. Universidade da Califórnia.